

O Educador Samaritano

“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó ...”
— Lucas 10:30.

Jim Epperson

Certo jovem estava ocupado fazendo sua jornada entre os montes e vales da vida. Sua jornada o levou a um território traiçoeiro... com perigos de todos os lados. Violência, sexo ilícito, decepção e ganância tinham se tornado tão comuns que era difícil para ele identificá-los como perigos.

Estes não eram os únicos problemas que ele tinha que superar para chegar ao seu destino. Ladrões vis estavam prontos para roubar-lhe a dignidade, valor eterno e inocência infantil. Marginais estavam à espera para atacá-lo, causando-lhe ferimentos e deixando-o sem perspectivas espirituais e com os resultados destrutivos de drogas, álcool e tabaco. E, como se a estrada para Jericó não tivesse perigos suficientes, havia um outro obstáculo que tornava a chance para sucesso quase impossível — o tempo da jornada. Os elementos internos da vida do jovem estavam em conflito constante: mudanças fisiológicas e distúrbios emocionais inibiam julgamento e decisões sadias.

Além disso, o jovem nunca havia viajado por esta estrada antes. Ele desconhecia o terreno, e embora informado a respeito dos muitos perigos e advertido sobre os ladrões e saqueadores que infestavam a estrada, sua imaturidade tornava-o incapaz de compreender o impacto dos perigos a sua frente.

“e veio a cair em mãos de salteadores ...”

Era inevitável que o jovem viesse a cair nas mãos de salteadores na estrada. De fato, eles roubaram-lhe tudo o que tinha de valor. Deixaram-no nu, ferido e sangrando, totalmente exposto aos elementos cruéis do mundo. Sua crença inocente na bondade da

humanidade, vida abundante e justiça ficaram escuriadas: foi-se qualquer esperança de recuperar-se dessa tragédia a fim de viver uma vida digna. A estupidez das suas ações o oprimiam, levando-o ao desespero. Ele precisava de ajuda desesperadamente, alguém para cuidar dos cortes, estancar o sangue, colocar bálsamo nos ferimentos profundos do seu coração.

“Casualmente descia um sacerdote por aquele mesmo caminho ...” (v. 31).

Aproximava-se um indivíduo que tinha grande conhecimento espiritual. O professor de Bíblia e Espírito de Profecia vivia vida aparentemente impecável, pregava lindos sermões, orava eloqüentemente, chamava o pecado pelo seu nome certo e executava regras e regulamentos da escola com consistência e firmeza. Com certeza um educador tão nobre pararia e salvaria esse filho de Deus. Mas, embora ele visse o jovem que sofria, “passou de largo”.

Por que ele não parou? Será que estava demasiado ocupado com seu trabalho como líder para se envolver em uma tarefa tão desagradável? Talvez tal coisa estivesse abaixo de sua posição social. Afinal, ele desempenhava parte importante na obra do Senhor e exercia função decisiva no sucesso da escola. Ele tinha encontros marcados para observar e conselhos para dar. Talvez tivesse feito anotação para chamar o reitor assim que chegasse em casa a fim de que aquele resolvesse o problema. Ou, talvez estivesse tão preocupado com os problemas que os líderes de escola enfrentam hoje em dia que realmente não notara a severidade dos ferimentos no jovem.

“Semelhantermente um levita descia por aquele lugar e, vendendo, também passou de largo” (v. 32).

O próximo na cena foi o catedrático do corpo docente — o pensador que coloca a vida acadêmica bem no início da lista, aquele que constantemente procura proteger a verdadeira razão da existência de uma escola: o ensino de leitura, escrita e aritmética. Ele considera a tarefa de preparar alunos para serem bem sucedidos na faculdade como uma das mais elevadas vocações do mundo. Afinal, os futuros médicos, cientistas e gênios matemáticos precisam receber um fundamento são hoje a fim de serem bem sucedidos amanhã. Este soldado da vida acadêmica é um cristão cômico e consagrado, com altas convicções e chamado elevado.

Mas este homem também passou de largo. “Curioso de saber o que acontecera, deteve-se e contemplou a vítima. Sentiu a convicção do que devia fazer; não era, porém, um dever agradável. Desejaria não haver passado por aquele caminho, de modo a não ter visto o ferido. Persuadiu-se a si mesmo de que nada tinha com o caso.” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 499.)

Talvez ele raciocinara, “Puxa! Aquela jovem precisa de socorro. Oxalá eu tivesse tempo de dar-lhe a ajuda que precisa, mas estou muito atarefado. Agora leciono mais classes do que os outros! Como posso fazer ainda mais? Além do mais, realmente não conheço esse jovem muito bem, portanto ele provavelmente não iria querer minha ajuda de qualquer forma. Talvez um daqueles professores populares apareça logo; ele estaria muito mais apto para ajudá-lo.”

O Desejado de Todas as Nações indica o verdadeiro problema do líder e do catedrático: “Com todas essas lições [‘Pelo que amareis o estrangeiro’] estavam os sacerdotes e levitas familiarizados, mas não as introduziram na vida prática.” (Idem, pág. 500.) Em outras palavras, eles não haviam interiorizado as verdades e lições da Bíblia. Tinham perdido de vista a vocação do professor cristão. Possivelmente este e outros professores tinham sido educados “na escola do fanatismo social ... [e] haviam-se tornado egoístas, estreitos e exclusivistas”. (Ibidem.)

Mas com certeza ele não passaria de largo por aquele jovem por causa da sua nacionalidade ou cor da pele. Esta interpretação de fanatismo é o que faz com que passemos por esta parábola sem aplicá-la a nós mesmos. O dicionário define

fanático como aquele “que tem zelo, religioso cego, excessivo; intolerante”.

Espere um minuto ... “excessivo; intolerante”. Será que isso pode fazer com que passemos de largo por uma pessoa que está sofrendo, que está ferida? Será que nossa opinião preconcebida sobre o certo e o errado, de quem é a culpa e quem merece o quê, pode nos tornar cegos às necessidades dos outros — cegos ao nosso próprio preconceito?

Um administrador de escola devoto à sua própria opinião pode ser comprometido, consciencioso, prudente e capaz; mas também cego às necessidades daqueles ao seu redor ao ser obstinadamente devoto à sua própria opinião. É possível ser tão zeloso que não interiorizamos as verdades nas quais cremos, muito menos praticamos as lições que ensinamos.

Ouça, consagrado administrador. Ouça, devoto membro do corpo docente. A parábola do Bom Samaritano pode estar falando a você.

No final da parábola vem o encorajamento. No momento em que estamos para desistir da nossa esperança, quando pensamos que ninguém virá ao socorro do jovem — lá vem o Bom Samaritano.

“Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele” (v. 33).

Ele reconheceu a necessidade do jovem. Viu além do sangue e dos ferimentos. Olhou além dos sinais exteriores da tragédia, além da tarefa desagradável. Muitas vezes, jovens que têm sido vitimados, devastados e feridos internamente, retêm uma aparência exterior que é terrível de encarar — tão repulsiva quanto o corpo nu e sangrento do jovem à beira da estrada. Pode ser uma fachada de rebelião e teimosia. Às vezes o rosto pode ter uma expressão vazia e não responsiva, uma atitude de “Nada me importa” — em parte como proteção e em parte como resultado da destruição interior que ocorreu. Mas o educador que olha além da fachada verá uma criança ferida e amedrontada, desesperada por alguém que a socorra, que a compreenda, ansiosa por alguém que trate dos seus ferimentos e desilusões.

“Certo samaritano ...” pode ser parafraseado: “Certo professor compadeceu-se dele.” Note bem que não foi dito “certo professor com talento extraordinário, perito e com credenciais notáveis”, embora ele pudesse possuir tais

qualidades. O mais importante foi a compaixão: a qualidade singular que qualifica absolutamente a pessoa para ministrar aos jovens, a qualidade que vai além de treinamento e habilidades extraordinárias. Compaixão é sinônimo de empatia, a capacidade de compreender os sentimentos e ferimentos dos outros e de perceber suas verdadeiras necessidades. Talvez esta seja a mais importante qualificação para o professor cristão.

“E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele” (v. 34).

Primeiro ele tratou dos ferimentos exteriores. Ele sacrificou-se, andando a pé enquanto o ferido cavalgava. A mensagem irresistível transmitida ao jovem ferido foi: “Eu me importo. Deus Se importa. Você é importante. Por você vale a pena me arriscar. Você vale o risco, tempo e esforço.” Suas ações falavam mais alto do que as palavras poderiam expressar, mais alto do que uma palestra bem-preparada para qualquer aula de religião, mais alto do que qualquer tarefa de leitura tirada dos melhores livros de literatura ou qualquer vídeo preparado pelos melhores produtores, mais alto do que qualquer culto de capela ou a mais eloqüente oração. Suas ações falavam claramente daquilo que significa ensinar e por que existem escolas adventistas.

O professor não acreditava em solução rápida sem maiores obrigações. Ele reconhecia que a cura não ocorre da noite para o dia, que haveriam muitos dias pela frente durante os quais o jovem precisaria de ser nutrido. Haveriam recaídas, quando o processo da cura teria que começar novamente. Ele reconhecia que o coração ferido precisa de ser remendado várias vezes até atingir o *status* de “novo coração”.

Sim, o samaritano era um educador com visão celestial, intenções divinas e ações semelhantes às de Cristo, que compreendia a tarefa redentora mais importante do professor cristão. Sua empatia e compaixão salvaram uma vida, deram ao jovem outra oportunidade para crescer, para ser curado, para fazer outras jornadas e para chegar a Jericó. ☺

“Então lhe disse: Vai, e procede tu de igual modo” (v. 37).

Jim Epperson é diretor de educação da União Sul, em Decatur, Geórgia, E.U.A.